

Hermetismo, magia, esoterismo e niilismo cultural *Hermeticism, magic, esotericism and cultural nihilism*

Sérgio Pereira da Silva
Universidade Federal de Goiás

Resumo: Este artigo analisa a gênese desses processos culturais, mais precisamente o hermetismo, a magia e o esoterismo, na contemporaneidade. O autor se utiliza da filosofia de F. Nietzsche, especificamente do conceito de “niilismo” para situar a gênese desses processos. Entende esses processos culturais como resultantes da derrocada de valores e convicções, frutos do fracasso das grandes promessas modernas concernentes ao progresso, às crenças metafísicas e científicas e ao alívio da canseira da existência.

Palavras-chave: hermetismo, magia, esoterismo, niilismo

Abstract: This paper analyzes the genesis of these cultural processes, more precisely, hermeticism, the magic and esotericism, in contemporary times. The author uses the philosophy of F. Nietzsche, specifically the concept of nihilism "to place the genesis of these processes. Understands these cultural processes as a result of the collapse of values and beliefs, fruit of the failure of great promises concerning the modern progress, the scientific and metaphysical beliefs and the relief of life weariness.

Key-words: hermeticism, magic, esotericism, nihilism.

Introdução

O que há na magia e nos enígmata esotéricos que tanto nos cativa? O que há nesses sincretismos que mistura deuses de distintas culturas, de tempos longínquos, que seduz pessoas das mais diversas classes sociais e as faz deixar suas origens e formar comunidades alternativas?

Os fenômenos literários e do cinema *Harry Potter* e *Paulo Coelho*, dentre outros, conquistaram plateias no mundo inteiro, gente ávida por experiências alternativas, místicas, personagens sinistros, viagens mágicas. Ora, ser alternativo significa responder a um esgotamento de esperança em um paradigma comum que sustentou nossas culturas por séculos. Há, neste caso, evidente exaustão de um discurso político, de uma esperança científica e de uma fé metafísica (portanto racional) que prometeram aliviar a

injustiça, a dor e a falta de sentido da existência humana.

Sendo assim, cremos que a desesperança, o ceticismo e a frustração pelos pactos sociais desfeitos e promessas não cumpridas, estão na raiz de um movimento cultural que ressurgiu, na lógica do eterno retorno, nos dias atuais. Em outras palavras, nos acossa o “niilismo” este humor que nos mantém suspenso num vácuo nadificante, numa ausência absoluta de sentido de pertença e perspectiva territorializante ou teleológica.

Acreditamos que este niilismo ressuscita figuras alternativas que nos lembram Hermes Trismegistus, Giordano Bruno, o mago Zarathustra, dentre outros. Estes têm em comum, no nosso entender, o leito niilista de uma cultura secular agonizante.

Hermes escreveu *Corpus Hermeticum*, conjunto de textos que datam de 100 a 300 d. C, no Egito. Fruto de um sincretismo religioso, influenciado inclusive pelas crenças egípcias, estes textos narram o encontro de Hermes “três vezes sagrado” (*trismegistus*), com o Nous, divindade absoluta. Além disso, a magia hermética tem nuances do deus grego Hermes, do deus egípcio Thoth e da filosofia socrático-patônica em um contexto de decadência da cultura trágico-estética.

Giordano Bruno (1548 – 1600 d.C) mesclou o infinito cósmico, o neo-platonismo místico e o panteísmo. Tudo isso em um contexto em que agonizavam juntos o modo de produção feudal, sua aristocracia e o poder religioso exclusivo da Igreja Católica Romana. Suas suspeitas contribuíram para as mudanças epistemológicas, culturais e políticas daqueles séculos que marcam a passagem da “Idade Média” para a “Idade Moderna”. Entretanto, custaram-lhe a ira da Santa Inquisição Romana e Bruno foi queimado vivo em uma fogueira, na cidade de Roma.

O mago Zaratustra, por sua vez, foi revivido por F. Nietzsche (1844 – 1900), na mais importante das obras desse filósofo alemão. A exarcebção e decadência da racionalidade, do individualismo e do moralismo ressentido, a agonia da ciência, dos pactos sociais e do deísmo, dentre outras coisas, constituem o caldo cultural de onde emerge a figura carismática de Zaratustra, este mago persa que, na obra do filósofo alemão, expõe, de forma mística, todas as convicções nietzschianas, seus dramas, frustrações e esperanças.

Neste pequeno texto, procuraremos mostrar nossa tese de que o esgotamento de uma cultura, quando os universos simbólicos não mais sustentam concepções e práticas, é o terreno fértil para o surgimento do niilismo. Cremos, ainda, que este é um fenômeno cultural que justifica a emergência e a demanda, atualmente tão em evidência, por magias, esoterismos, cultos místicos, dentre outras formas de busca por respostas ocultas e alternativas para nossa cotidianidade e urbanidade.

Este niilismo, ou apatia cultural, nos mantém dominados por uma ataraxia própria dos períodos históricos nos quais ocorreu a derrocada de grandes sistemas ou paradigmas e, a partir dos quais, experiências esotéricas foram vividas e narradas.

A derrocada dos valores e convicções: niilismo.

Apatia, absentéismo, silêncio e compulsão para se retirar das reuniões de pares ou de categoria; discurso desesperançado, lamentos, desinteresse por projetos coletivos ou capacitações; cumprimento apenas do mínima e administrativamente cobrado. Isso é parte de uma desmobilização sócio, política e cultural que predomina nas mais diversas atividades como cidadãos: profissionais, religiosos, sindicalistas, políticos, membros de atividades administrativas e organizacionais tais como reuniões de condomínios, de associações de moradores etc.

Os meios de informação, nessa primeira década do século XXI, apresentam reiteradamente, por um lado, o pujante desenvolvimento científico, técnico, industrial de parte da humanidade e, por outro, a relevante exclusão social de grande parcela da sociedade, que constribe qualquer analista de conjuntura.

Nas ciências “bio-médicas”, a clonagem e outros avanços científicos dominaram os nossos mais longínquos e privados territórios; nas “exatas”, encontramos a produção de objetos outrora inimagináveis: a eletrônica e a cibernética espantam-nos com robôs e viagens virtuais, as engenharias erguem mega-construções que colocam em dúvida a existência de limites para a criatividade e a inventividade humanas. Em tempos de sociedade da comunicação, tais avanços destroem e constroem valores em todo o planeta.

A crítica pós-estruturalista¹ em relação à legitimidade, ou não, de uma *metanarrativa*² que

¹ No Brasil, estudiosos renomados que utilizam as referências pós-estruturalistas, mais especificamente foucaultianas, no debate cultural e pedagógico são, dentre outros, os professores Tomaz T. Da Silva e Alfredo J. Veiga-neto.

comporte todas as demandas existenciais, psicológicas, sociais, culturais, econômicas e políticas do indivíduo põe em xeque a possibilidade do conhecimento “verdadeiro”, e o perspectiviza. Haverá certezas nas quais podemos nos apoiar?

Nenhum outro século da história do Ocidente, como o século XX, trouxe tantas revoluções no campo das relações de trabalho, tanto desenvolvimento dos meios de produção ou mesmo conflitos políticos, étnicos e religiosos e de outras minorias sociais quanto o século XX. Nunca antes, valores e instituições como “verdade”, “virtude”, “respeito”, “família”, “igreja” e “escola” foram questionados com tanta eloquência, em tão poucas décadas. Em outras palavras, jamais o tecido cultural e social, em tão pouco tempo, foi tão desconstruído e reconstruído.

É importante lembrarmos que o processo de globalização da produção das mercadorias e do trânsito de capitais, assim como a globalização cultural, educacional, étnica, trouxe informações instantâneas e em número jamais imaginado. Técnicas de racionalização da produção cruzam o planeta em segundos. Porém, a velocidade deste modelo de produção não tem sido acompanhada pelo avanço na qualidade de vida das populações no Brasil e nos demais países “em desenvolvimento” ou “sub-desenvolvidos”. Pelo contrário, tem possibilitado a acumulação de riqueza para uma minoria, que garante seus privilégios, perpetuando-se no poder, e aumentando os bolsões de miséria, inclusive nos países ricos.

A globalização tem um ideário correspondente no pensamento econômico, o “neoliberalismo”, para o qual o Estado precisa afastar-se da regulação das relações de produção e permitir que a competição determine a sobrevivência de fábricas, empresas, instituições comerciais etc., mais sólidas e adaptadas aos desafios de um mundo globalizado. Os fracos e “ineficientes” perecerão; os fortes sobreviverão. Outro aspecto fundamental do neoliberalismo é a

máxima de que o “apequenamento” do Estado significa a diminuição substancial das políticas públicas (financiamento da educação pública, assim como da saúde, da segurança etc).

A segurança e as perspectivas de bem-estar social, pactuadas com o Estado, diluem-se neste contexto que pauperiza a grande maioria dos cidadãos e os deixa à mercê das cambiantes vicissitudes e volatilidade do mercado. Portanto, a insegurança social, individual e física, dos indivíduos, assim como a derrocada de valores por estes lamentada, responsável pelo adoecimento da vontade, constituem condicionamentos que não podem ser entendidos fora deste contexto político e econômico, tampouco ser reféns exclusivos deste contexto.

Apesar de analistas políticos e sociais vislumbrarem o fim do neoliberalismo, com a atual crise econômica e financeira (2009), e sinalizarem para uma nova cultura política e administrativa que fortalecerá o poder interventor do Estado, não há evidências que tais mudanças transformem as carências sociais aqui descritas.

Assim, colocamo-nos no interior de um efervescente debate cultural e intelectual em torno da superação dos paradigmas que dominaram os últimos séculos; da emergência, ou não, de um novo sentido para categorias, tais como o conhecimento, o intelectual, a história, o poder, liberalismo, neoliberalismo, trabalho etc.

Esta queda de paradigmas vem reforçar o sentimento de orfandade também no campo teórico-ideológico. De qualquer forma, a reflexão e a ação do cidadão revestem-se de suspense, apreensão e dúvida diante desse panorama em que tecnologia, ideias e utopia tornam-se diariamente obsoletas. As dúvidas científicas e de fé (política ou religiosa) põem em evidência um momento político, psicológico e social de desterritorialização de valores e o findar das referências valorativas tradicionais.

Certezas que há trinta anos sustentavam e uniformizavam grupos em antagonismos bem definidos (“esquerda” versus “direita”), não existem mais. Discursos que promoveram lutas e utopias universais, em *Terra Brasilis*, diluíram-se

² Sobre as “metanarrativas”, conferir SILVA, Tomaz T. Da. O adeus às Metanarrativas Educacionais. In *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

em ativismos ecológicos, cosmológicos³ e místicos, além da magia, do esoterismo e de outros rituais alternativos, revelando uma indiscutível *crise do sentido e dos valores humanos*.

Estamos, deste modo, suspensos *no* ou *sobre o nada* porque ruíram os valores, o sentido da vida humana e o desejo. A fé que tínhamos na razão moderna e seu equivalente epistemológico, a “ciência”, dissipou-se; a confiança em referenciais teóricos universalizantes, em nossa performance profissional, na relevância social do fruto do nosso trabalho desmoronou junto com a compreensão de nossos valores cosmológicos.

Ruir do sentido maior, dos valores e desejabilidade, revolução cosmológica, consciência de um longo “desperdício de força”, desânimo, apatia cultural, adoecimento da vontade de potência. Não seriam estes os sintomas daquilo que Nietzsche chamou de “Niilismo”? Este fenômeno, no entender do filósofo de *Röcken*, é próprio de um contexto fértil para pessimismos imobilizantes e nostálgicos.

Nietzsche foi o arauto de um pessimismo, ou niilismo, similar espreitando ou dominando seu contexto histórico, há mais de um século. Segundo ele, a derrocada de valores sobre os quais erguia-se o edifício da Modernidade produziria um momento cultural⁴ com características de um pessimismo sem limites, nos moldes do pensamento shopenhaueriano.

Tal fenômeno cultural poderia interferir no comportamento religioso, político e pedagógico de nossa sociedade? Numa resposta afirmativa, para

³ Expressivos nomes da Teologia e da Pedagogia brasileiras (L.Boff e M. Gadotti, dentre outros), cujas produções originais se caracterizavam a partir do marxismo cristão e da luta de classe, mais recentemente, têm priorizado questões ecológicas e cosmológicas associadas à moral, à religiosidade e à educação. Mesmo porque, como disse prof. Boff, se não salvarmos o planeta não restará o que dividir com a classe oprimida. Ver Boff (2003 e 1990), Gadotti (2000)

⁴ Por cultura, nesse texto, consideramos o agir e o pensar moral, político e social de um grupo, que se torna um elemento integrador das singularidades inerentes ao grupo social.

esta questão, encontraríamos os motivos para a ausência de veemência das práticas religiosas de nossas igrejas, para o absenteísmo e descrença nos sindicatos, para o isolamento produtivo e político nas fábricas, nas escolas, enfim estes e outros fenômenos imobilizantes que vislumbramos atualmente.

Deste modo, encontraríamos uma razão plausível para uma angústia inaudita, grávida de medo e expectativa (por que não de esperança?) presente no nosso existir e fazer cotidianos. Pelbart(2006) afirma que, quando jovem, Nietzsche tinha em mente um *niilismo ontológico*, inspirado em Shopenhauer, ilustrativo de um sofrimento inerente à vida, muito próximo da tragédia helênica e que inspirava uma negação budista da existência. Os helenos se utilizavam de um anteparo artístico, divino, apolíneo, para viver este niilismo.

Entretanto, sobre a fase adulta de Nietzsche, Pelbart fala que este filósofo percebeu na cultura europeia três tipos de niilismos imobilizantes: negativo, retivo e passivo. A estes três, contrapõe um quarto que seria uma espécie de *niilismo ativo*. O primeiro foi chamado por Pelbart de “*niilismo negativo*”. Trata-se de um tipo que reduz a vontade de potência a um movimento exclusivamente de negação. É um agir vingativo e depreciativo diante da vida. Refere-se à história da metafísica, a seus valores teológicos, morais, racionais e à sua negação do mundo sensível.

O segundo, “*niilismo reativo*”, propõe valores substitutivos tais como o imperativo moral, o progresso, a felicidade e a cultura, ilustrativos das aspirações da Modernidade. Comenta Pelbart (2006, p.217): *aqui vive o homem moderno, assassino de Deus, mas envolto pela sombra do Deus morto*. Há neste niilismo reativo um característico otimismo, por mais paradoxal que pareça, porque trata-se de uma reação propositiva que aposta na virilidade do conhecimento, do progresso tecnológico; crê na justiça que advirá com os contratos sociais, ou com a luta de classes etc.

O terceiro, denominado “*niilismo passivo*”, representa o cansaço humano e a frustração

própria de quem acredita que tudo é igual, tudo foi em vão, nada vale a pena. O otimismo anterior e suas proposições se revelaram uma utopia irrealizável. Está morto o otimismo moral, pois sem Deus, e sem uma finalidade ético-religiosa compatível, nada mais há que se esperar.

Desiludidos, domina-nos um nojo pela existência repetitiva e sem sentido, ilustrada pelo filósofo de Röcken, em seu Zaratustra (2002, p. 126), através da imagem do pastor com a cobra negra pendendo da boca: *Vi um jovem pastor contorcer-se, sufocado, convulso, com o rosto transtornado, pois uma negra e pesada cobra pendia da sua boca. Zaratustra tenta arrancar a cobra com a mão sem sucesso e grita: "Morde! Morde!".* Nossa interpretação dessas metáforas sugere que o pastor é o próprio Zaratustra e a pesada cobra negra é tão somente o *niilismo*.

O quarto tipo de *niilismo*, o “ativo”, surge-nos como um alento, um lampejo de esperança, um chamado para uma ação efetiva na Cultura. É – e aqui reaparece o paradoxo – uma forma de otimismo. Afirma Nietzsche (*Apud. PELBART, 2006, p.218*): *O niilismo não é somente um conjunto de considerações sobre o tema: ‘tudo é vão’, não é somente a crença de que tudo merece perecer: consiste em pôr a mão na massa e destruir.* No seu Zaratustra (2002, 95-98), Nietzsche caracteriza a vontade de potência e a coloca como a vontade imperativa de todo ser vivo: *Onde quer que encontrasse o que é vivo, encontrei a vontade de domínio, até na vontade do que obedece encontrei a vontade de ser senhor.*

Este *niilismo ativo* é pura vontade potência e, ao destruir valores, cria condições de possibilidade para a produção de novos valores. Mas é importante enfatizar que não há intencionalidade ou teleologia nessa ação destruidora; ela é movida pelas engrenagens inauditas da *vontade de potência*. Novamente o filósofo de Röcken (*Apud. PELBART, 2006, p.219*): *Nós negamos e temos de negar, pois algo em nós está querendo viver e se afirmar, algo que talvez ainda não conheçamos, ainda não vejamos!.*

O *niilismo*, de modo geral, é, portanto, uma experiência cultural de derrocada de valores e

perspectivas, no interior dos processos de superação de paradigmas. É um período de transição em que, entre a desconstrução e reconstrução de valores, pela ação deste último tipo de *niilismo* – o ativo, dionisíaco, afirmativo, completo, acabado, enfim, clássico – vivemos a instabilidade da cultura. Entendemos o caráter destrutivo do *niilismo dionisíaco* como sendo propedêutico, não tem um fim em si mesmo, ele é condição de possibilidade para a criação de novos valores.

Niilismo: terreno fértil para a magia.

Apatia, absenteísmo, silêncio e compulsão para o ostracismo, para a ataraxia. Indiscutivelmente, a agonia da modernidade revela que o repertório racional não responde mais às demandas existenciais, culturais, sociais e políticas. O estatuto epistemológico sonhado por Descartes (1596 -1650), os métodos, os pactos sociais, os tratados, os discursos e as revoluções políticas e econômicas, dos tempos modernos e a felicidade resultante do conhecimento dos dramas da *psiche* humana, culminaram, ao final dos séculos XIX e XX, em uma sociedade excludente, individualista, consumista, enfim, adocida moral e filosoficamente.

Ora, não se trata de um estado imobilizante nos moldes do estoicismo, escola filosófica que afirma o primado do problema moral sobre os problemas teóricos e incentiva a vida contemplativa em vez das preocupações da vida comum. Os estóicos viviam uma ataraxia como a concebeu Demócrito (460 - 370 a.C.) e os epicuristas, ou seja, uma contemplação e ócio sem o sentido imobilizante, abatido, apático e desesperançoso que percebemos nos primeiros modelos de *niilismo* descritos na seção anterior. Devido ao imperativo da “Morte de Deus”, apregoadado por Nietzsche, o *niilista* também não crê na mediação de um “Ser” transcendente como o deus cristão, constructo da racionalidade metafísica.

De qual transcendência espera algum alento, esse nosso *niilista*? Uma vez resistente à racionalidade e urbanidade, ou exausto pela ação da lógica, pelas promessas de progresso e evolução buscará refúgio na natureza; se ele se

revelar fragilizado pelo fracasso do projeto político de uma sociedade revolucionária e comunista, com justiça e igualdade sociais pode descansar sua alma no fanatismo religioso ou nas drogas; finalmente, se sentir vencido pela fatalidade da dor e da fragilidade humana, a transcendência sonhada pelo niilista há que ter nuances conduzi-lo ao misticismo ou àqueles refúgios citados acima..

Assim, pois, o niilista, paralisado pelas algemas do ceticismo, da desesperança e da falta de perspectiva, se evade do seu ambiente doméstico e encontra alento em um outro: uma natureza repleta de significações místicas. Alí ele procura o domínio total sobre si mesmo e sobre a sua humanidade, assim como seus processos existenciais. Em vez de interrogar esse novo ambiente, o escuta; em vez de suspeitar de seus mistérios, os acolhe.

Porém, por mais seja uma reação e uma rejeição a uma exacerbada e fracassada racionalidade, por mais que seja um esgotamento do *ethos* urbano, dos valores e rituais civilizatórios, o fato desse místico buscar desvendar o sentido oculto de sua existência e da natureza o situa entre aqueles que não se satisfazem com a vida, como ela se revela, como ela é. A busca do oculto, a suspeita de que o real seja mera e falsa aparência foram os argumentos sustentadores do empreendimento metafísico e racional iniciado por Parmênides e Sócrates. Nosso místico não seria apenas um neo-socrático?

A julgar por dois magos conhecidos, um antigo (*Hermes Trismegistus*) e um contemporâneo (Zaratustra), a questão que finaliza o parágrafo anterior é procedente.

Hermes Trismegistus, em grego **Ερμης ο Τρισμεγιστος** (três vezes grande), foi o nome conferido ao deus egípcio *Thoth*, também identificado como o deus grego *Hermes*, em ambas culturas eram deuses da magia.

Uma leitura atenta de *Corpus Hermeticum*, conjunto de textos escritos por *Hermes Trismegistus*, mostra, além de um texto sincrético, devido à influência de múltiplas

religiões, uma escrita que nos remete aos mais célebres diálogos de Platão: (Fédon, o banquete, sofista, político) e às explicações cosmológicas, ao debate gnosiológico e à moral muito comuns nos primeiros textos filosóficos gregos. Escolhemos (em *CORPUS HERMETICUM*, POIMANDRES, 16-18) um trecho para ilustrar essa nossa identificação:

Oh! Meu Noús. Pois eu também sinto amor pelo discurso.” – Então. Poimandres: “O que vou te dizer é o mistério mantido oculto até este dia. A Natureza, com efeito, tendo-se unido por amor ao Homem, causou um prodígio surpreendente. O ser humano tinha em si a natureza da conjunção, dos sete compostos, como te disse, de fogo e de sopro; a Natureza então, incapaz de esperar, procria na hora sete homens correspondentes à natureza dos Sete Governadores, machos e fêmeas, que elevam-se ao céu.” E após isto: “Oh! Poimandres, verdadeiramente, atingi agora um desejo extremo e queimo de desejo de te endender. Não te afastes do assunto!” Mas, Poimandres: “Cala-te então! Não terminei ainda de te apresentar o primeiro ponto.” - “Sim, calo-me”. – respondi.

“Assim então, como eu dizia, a geração desses sete primeiros homens fez-se da seguinte maneira: feminina era a terra, a água elemento gerador; o fogo levava as coisas à maturidade, do éter a Natureza recebia o sopro vital e produziu os corpos segundo a forma Humana. Quanto ao Ser Humano, de vida e luz que era, transformou-se em alma e intelecto, a vida transformando-se em alma, a luz em intelecto. E todos os seres do mundo sensível premaneceram neste estado até o fim de um período e até o começo das espécies.” Escuta agora este ponto que queimas de impaciência por ouvir. Findo este período, o liame que unia todas as coisas foi rompido pela Vontade de Deus. Pois todos os animais que, até então, eram ao mesmo tempo machos e fêmeas foram separados em dois ao mesmo que os Seres Humanos, e tornaram-se uns machos e outros fêmeas. Logo Deus disse uma palavra santa: “Crescei e multiplicai-vos, vós todos, que fostes criados e feitos. E que aquele que possui intelecto reconheça-se como imortal e que saiba que a causa da morte é o amor, e que conheça todos os seres.”

Observem a justaposição dos argumenos e das apologias sobre a origem do ser humano, dos distintos gêneros, e de todas as coisas da natureza, **arché** (ἀρχή; origem). Entretanto, não são referências aos deuses gregos presentes na Lírica

de Homero ou nas Tragédias de Sófocles, por exemplo. No *Corpus Hermeticum*, a referência a deus se identifica com o deus judaico-cristão, presente no **Gênesis** (do grego Γένεσις, "origem", "nascimento", "criação") que é o primeiro livro da Bíblia., atribuído a Moisés. Quem não se lembra do célebre "Crescei e multiplicai-vos"?

Também no diálogo platônico *Timeu* (do grego. Τίμαιος) considerado obra da velhice desse filósofo, a cosmologia de Platão, ou seja, sua teoria da origem e de como a natureza, ou o mundo, funciona (Cf. BRISSON, 1996), nos induz associações com o texto de Trismegistus. Vale lembrar que para Platão, a ordem e a beleza, que vislumbramos no Cosmo, é fruto de uma perspectiva racional, intencional e benigna de um divino artesão, de um "demiurgo" (do grego δημιουργός), que impôs uma ordem matemática a um estado de caos preexistente e, segundo Platão, (2002, p. 26) *produziu um Universo divinamente organizado, a partir de um modelo eterno e imutável. Assim como no Crítias* (diálogo de Platão) este autor comenta o "Mito da Atlântida", que fascina as pessoas, em geral, assim como os eruditos, e está presente no cinema e na literatura. A origem do Universo, na perspectiva de Platão, influenciou o neoplatonismo, o ocultismo e teologia desde o século IV até nossos dias.

O segundo mago, o Zaratustra, descrito por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra* (2002), principal obra desse filósofo alemão, busca o sentido oculto das verdades sobre o homem e a natureza, portanto acessível a poucos, o que o aproxima do que é comumente chamado de uma obra esotérica.

O próprio filósofo de *Röcken* escreve a um amigo, referindo-se ao Zaratustra: "É um livro incompreensível, porque remete exclusivamente a experiências que não partilho com ninguém". Ainda nessa carta, Nietzsche lamenta ao amigo a profunda e radical experiência de solidão que está vivendo: "Se pudesse dar-lhe uma ideia de meu sentimento de solidão! Nem entre os vivos nem entre os mortos, não tenho alguém de quem me sinta próximo." Seria nosso filósofo-mago, arauto do niilismo que inunda a cultura europeia do século XIX, uma ilustração clássica do niilista de

cuja angústia caótica emergiu textos, práticas e intuições esotéricas?

Descrevendo essa obra, comenta Marton:

Zaratustra é o anunciador do além-do-homem, é o arauto do eterno retorno, é "aquele que sempre afirma". Se criar é ultrapassar-se, a criatura deve prevalecer sobre o criador. É preciso haver morte para que surja o além-do-homem; ele indica a necessidade da superação de si mesmo e com isso aponta para uma nova maneira de sentir, pensar, avaliar.(MARTON, 2002, p. 17)

É muito frequente, na obra de Nietzsche, uma referência ao sofrimento como condição de possibilidade para o crescimento do indivíduo, para o exercício da criação. E esse sofrimento vem sempre acompanhado de uma solidão ontológica, uma busca oculta, um imperativo ético através de incomparáveis metáforas:

Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que necessitas atravessar, sozinho, para ultrapassar o rio da vida — ninguém, a não ser tu. Certamente existem inumeráveis sendas e pontes e semideuses que vão se oferecer para te levar para o outro lado do rio; mas isso te custaria tua própria pessoa que deverias penhorar e seguramente te perderias. No mundo existe um só caminho pelo qual somente tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o.(NIETZSCHE, 2003, p 140-141)

Este belo trecho ilustra a solidão da condição humana. Ilustra, ainda, o inusitado, o devir que mantém o indivíduo carente de certezas, e sem condições de precaver-se ante os acontecimentos da vida. Dessa condição emerge uma força singular para qual não há atalhos nem escoras. Por isso, uma educação facilitadora não se insere na perspectiva nietzschiana. Pelo contrário, a peleja da vida se adéqua, na escola, à peleja do processo de ensino e aprendizagem. Não há lugar para o prazer? Sim, há, porém como ponto de chegada, porque o ponto de partida do processo de conhecimento é demasiado desconstrutor e assustador. Sofrer é condição de possibilidade para o crescimento humano, ampliação de conhecimentos, condição *sine qua non* para a constituição da excelência humana,

para a produção do homem forte, sábio, guerreiro, ativo. Afirma o filósofo:

Vocês querem, se possível – e não há mais louco “possível” – abolir o sofrimento– isso não é um objetivo, isso nos parece um fim! A disciplina do sofrer, do grande sofrer – não sabem vocês que até agora foi essa disciplina que criou toda excelência humana? (NIETZSCHE, 1992, p.131)

Portanto, a anunciação do “Além-do-homem”, no Zaratustra de Nietzsche, revela um esoterismo para alguns poucos, erudito, excessivamente seletivo. Revela, sobretudo, que essa forma de esoterismo é busca de uma perfeição humana, uma excelência, somente possível pela mediação do sofrimento e da assunção da vida, exatamente como ela é.

Nos dias de hoje, sobretudo a partir da “Era de Aquário”, um contato místico com a natureza e uma busca mágica de um sentido realizador e compreensivo da realidade atingem uma grande parcela da população. Entretanto, por não ser seletivo, não se trata de um esoterismo inspirado no mago Zaratustra.

O sucesso de *Harry Potter* e da literatura de Paulo Coelho que o digam! A linguagem esotérica, atualmente, é muito mais um “voltar para dentro”, através de símbolos e rituais metafóricos e tem um forte apelo de introspecção individualista, para não dizer do apelo comercial!

O exercício de “voltar para si mesmo” aproxima do discurso esotérico das intuições nietzschianas: percebemos resquícios de esoterismo nas três transformações que iniciam a primeira parte do Zaratustra (Camelo, leão e criança), no pastor e a serpente negra, seja no diálogo com corujas e morcegos, com a tarde ou no exemplo da *hora mais silenciosa* (a dama irritada que, vez ou outra, o espreita). Enfim, na composição dos personagens místicos criados por Nietzsche, e presentes no *Zaratustra*, o misticismo se revela.

Entretanto, a distinção do esoterismo de Zaratustra é fundamentalmente o projeto da formação da excelência, na lógica de um projeto maior de formação de um novo ser humano, uma

nova humanidade, com pretensões universais e sem apelo consumista ou de mercado.

O *Zaratustra* sempre significou, para Nietzsche, uma mensagem síntese, o culminar de um processo espiritual: no *Ecce Homo* (1995), ele comenta que era incapaz de ler esta obra e não chorar. Ainda no *Ecce Homo*, ele descreve **um estado de transe** na escrita da primeira parte, como se uma força, algo oculto se revelasse através daquelas palavras. O *Zaratustra*, para seu autor, **simboliza o** abrir de portas para um novo tempo, para uma nova compreensão da vida, da natureza, das relações humanas e dos processos vitais.

Considerações finais

Se a racionalidade, as promessas da ciência, a utopia do progresso e da igualdade/justiça social e, finalmente, a providência divina não cumpriram a promessa de aliviar a canseira da existência humana, se o niilismo nas suas formas imobilizantes tomaram a cultura e, órfãos de otimismo racionalista, vagamos nos recentes labirintos niilistas da história humana; se em função de tudo isso os esoterismos ressurgiram, mais forte que nunca, cremos que somente o niilismo dionisíaco é uma alternativa à desesperança e aos subterfúgios por ela criados.

Talvez a canseira da existência humana não deva ser aliviada, talvez seja uma contingência da vida, um necessário que precisa ser amado e superado. Talvez tenhamos que recuperar de Alexandre, de Aquiles e Heitor o heroísmo trágico como o qual, e para o qual, viveram, amaram e morreram.

Desse modo, em vez de buscarmos digressões que nos protejam do sofrimento, devemos dizer como Turenne, citado por Nietzsche, no início do quinto livro da *Gaia Ciência*, “Nós, os destemidos”: *Carcasse, tu tremble? Tu tremblerais bien davantage, si tu savais où je te mène.* (Tremes, carcaça? Tremerias ainda mais se soubesses onde te levo.).

O espírito livre, que tem **sob rédeas** o medo e a desesperança flerta com outra magia:

aquela, daqueles poucos que, apesar do tremor de suas carcaças, e sabendo que ninguém pode construir em seu teu lugar as pontes que necessitam atravessar, para cruzarem o rio da vida, põem-se a caminho, com dedo em riste na face do destino.

Referências

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano; compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os homens*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BRANDÃO, Zaia (org.) *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez 1994 (Coleção questões da nossa época, v.35)

BRISSON, luc. *História da Filosofia*. Trad. Sônia M. Maciel. Porto Alegre: Edipuc RS, 9 Coleção Filosofia, 166), 1996.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MARTON, Scarlett. O homem Que foi um campo de Batalha. *Prefácio ao Assim Falou Zaratustra*, São Paulo: Edit. Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, F. W. *Para além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Assim Falou Zaratustra*, São Paulo: Edit. Martin Claret, 2002.

_____. Schopenhauer educador. In: *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Gaia Ciência*, São Paulo: Edit. Martin Claret, 2008.

PELBART, Peter P. Travessias do niilismo. In: FEITOSA, Charles et ali.(orgs)

NIETZSCHE e os gregos: arte, memória e educação. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

PLATÃO, *Timeu e Critias ou A Atlântida*. São Paulo: Hemus, 2002

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das Certezas – Tempo, Caos e as Leis da Natureza*. São Paulo: editora Unesp., 1996

SILVA, Tomaz T. Da. O adeus às Metanarrativas Educacionais. In *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRISMEGISTO, Hermes. *The Corpus Hermetica* <http://www.granta.demon.co.uk/arasm/jg/corpus.html>. Consulta em 03.06.2009)

VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

Sérgio Pereira da Silva. Professor da Universidade Federal de Goiás.

Endereço para contato: Av. Max Margon, 283, Vila Margon, 75711010 – Catalão-Go. E-mail: spsilva2010@gmail.com